



#CRIADOS
PARA TODOS

Relatório sobre a escrita na era digital

 Dá-lhe mais... Sempre!

Bem-vindos ao maravilhoso mundo da escrita

As primeiras ideias para este documento, as referências, os nomes, tudo o que não poderia ser esquecido, foi escrito à mão. Com lápis, canetas, às vezes com marcadores...

Mais rápido, mais devagar...

Os primeiros esquemas ou ideias que não nos podiam escapar, as nossas conclusões, os websites importantes, iam sendo escritos em papéis de diferentes tipos, folhas brancas, blocos de notas ou até mesmo folhas já impressas em que se aproveitaram as partes de trás que estavam em branco...

À medida que as ideias ganhavam forma, iam crescendo para os teclados e para os ecrãs. Às vezes, a partir de um computador, às vezes a partir de um tablet ou de um telemóvel. Através de mensagens escritas ou mensagens de voz. É este o grande ciclo da escrita: escrever com uma touch pen num iPad com a nossa melhor caligrafia.

É assim que os tempos correm.

Escrever é, acima de tudo, comunicar. Felizmente, vão surgindo cada vez mais opções que nos permitem ter a forma ideal para o fazer. Escrever à mão é algo muito próprio, não só como ferramenta, mas também, e especialmente, como uma forma de expressão. Na verdade, o interesse pela caligrafia nas suas diversas formas é uma tendência que sobrevive à passagem do tempo.

A escrita continua a ser, em primeiro lugar, uma forma de resposta a uma necessidade, e a cada momento a pessoa que está por detrás das ideias que tem para contar, explicar ou comunicar, deve escolher a melhor maneira de fazê-lo. Tal como temos feito há mais de cinco séculos, desde o surgimento da imprensa.

1. Escrita tradicional na era digital

Em 2018, as vendas de discos de vinil bateram novamente um recorde, crescendo mais 20% do que no ano anterior. As vendas de livros continuam a ultrapassar as vendas de e-books. A história moderna está repleta de exemplos de coexistência de linguagens e formatos após o surgimento de um novo avanço tecnológico que inevitavelmente questiona todos os referidos anteriormente.





A escrita tem vindo a ultrapassar o ataque de sucessivas revoluções que começou com o advento da prensa e os tipos móveis de metal, invenções que revolucionaram a técnica de impressão no século XV. Os mais pessimistas previram o fim, mais ou menos próximo, da escrita manual, mas essas previsões não se tornaram realidade. Desde a segunda metade do século XX, o ecossistema da escrita deu lugar à revolução que a tecnologia implicava, primeiro na esfera empresarial e depois num contexto mais interpessoal.

Ambas as formas de transmissão e armazenamento de conhecimento, cultura e história coexistiram até agora, às vezes até apoiando-se mutuamente.

Embora as impressões digitais e programas de design tenham já décadas de idade, a verdadeira revolução começou quando estes programas chegaram aos computadores, tablets e smartphones das pessoas comuns.

Nesta nova realidade, a escrita manual enfrenta talvez um dos seus maiores desafios. Os ecrãs são o novo papel. A escrita surge através de teclados, manuais ou em touchscreens. A facilidade deste novo método responde à urgência de contar, responder, explicar ou tomar notas... Como se isso não bastasse, surge ainda a possibilidade de ver escrito o que queremos dizer graças ao novo método de reconhecimento de voz, sem ter de escrever.

Ao mesmo tempo que tentávamos descobrir para onde a escrita estava a ir, os responsáveis pela educação na Finlândia, considerado o país mais avançado na Europa (PISA Report) decidiram tentar

mudar o jogo. A perceção que o mundo teve desta resolução foi que os finlandeses simplesmente decidiram acabar com a aprendizagem de caligrafia.

Esta decisão, sobre a qual já existiam precedentes, mas não resultados conclusivos, é talvez o melhor exemplo de coexistência da maneira antiga e eterna de escrever e novas e futuras tecnologias. Pelo menos, parece ser o futuro a médio prazo.

O que está por trás da decisão dos responsáveis da educação finlandesa está em vigor na Europa há algum tempo, numa escala maior ou menor, ha quase uma década nos Estados Unidos. A nova orientação da Finlândia provocou interpretações de todos os tipos, muitas delas baseadas na perplexidade daqueles que justamente consideram o seu sistema educativo como o melhor. A verdade é que este país não decidiu terminar a escrita manual, mas com a caligrafia clássica ou simplificada a partir de 2016, mantendo a letra tipo máquina, com letras maiúsculas. Desta forma, para não sobrecarregar os alunos, o tempo gasto a mostrar e ensinar a caligrafia clássica em letras minúsculas tem sido usado para ensinar as crianças a trabalhar com meios digitais, transmitindo novas habilidades com as quais estarão melhor preparadas para o seu futuro profissional. "Se as crianças já estão a utilizar ecrãs, o melhor que podemos fazer é ensiná-las a utilizá-los bem." Como ensiná-las, não há resultados conclusivos na sequência desta decisão.

Em 2011, os responsáveis das escolas primárias dos EUA deixaram ao critério de cada Estado a continuação ou não do ensino da caligrafia clássica. Esta decisão foi bastante relevante no contexto escolar que, desde há várias décadas, promovia o ensino de caligrafia americana, ou método Palmer. No entanto, recentemente, 11 Estados restabeleceram o ensino de caligrafia clássica nas suas escolas, com Nova Iorque a ser o mais recente Estado a promover esta medida.

Mas a Finlândia não é o exemplo mais recente da atual encruzilhada que nos obriga a decidir continuamente entre os ecrãs e o papel. Os chamados Digerati de Silicon Valley começaram a inscrever os seus filhos nas escolas Waldorf da Califórnia, e abominam a tecnologia que eles próprios inventam como base para a educação dos mais pequenos. Acreditam firmemente que os computadores inibem o pensamento criativo, as habilidades motoras, a interação humana, e a capacidade de atenção.

O antigo e o novo, a máquina e o homem...

Todos, defensores e detratores de um ou outra opção, têm um bom conjunto de argumentos. Aqueles que pensam que, se é possível escrever com teclados, não vale a pena ensinar caligrafia clássica é o preciso oposto do argumento que defende que ensinar a somar não vale o esforço, se as calculadoras o fazem automaticamente e sem esforço.

Neste novo cenário, a caligrafia enfrenta novamente um desafio formidável

Até hoje, o ensino de matemática nas escolas não foi interrompido. O que mudou é o modo como é feito.





Neste panorama, surgem duas questões fundamentais:

Que impacto têm estas decisões no desempenho académico?

Neurocientistas e psicopedagogos concordam que a escrita manual tem vantagens óbvias sobre os teclados. Entre outras, promove um melhor conhecimento da ortografia, maior facilidade e fluência na redação de textos, maior capacidade e compreensão de leitura e melhoria da memória. Quando as crianças estão simplesmente a teclar, não aprendem de facto como escrever, mas sim memorizam a configuração do teclado, de acordo com o estudo das "Fronteiras da Psicologia" da Universidade de Indiana.

De acordo com "What are the effects of handwriting on cognitive development?", um estudo publicado pela mesma instituição, quando as crianças escrevem à mão ativam três áreas do cérebro. Estas três áreas são as mesmas áreas que são ativadas quando os adultos lêem e escrevem. O que é "curioso" é que nenhuma delas é ativada quando as crianças digitam através de um teclado.

A explicação mais imediata é que o cérebro recebe mais estímulos quando escrevemos manualmente do que quando utilizamos um teclado. No primeiro caso, uma representação interna das letras é criada envolvendo a integração das áreas visuais e motoras do cérebro. Além disso, as áreas relacionadas com a ortografia, som e significado das palavras são ativadas. A essas áreas sobrepõem-se outros fundamentos de produção e compreensão da linguagem e de compreensão de leitura, o que pode explicar as habilidades que são aprimoradas através da escrita. Entre elas, habilidades motoras finas. Através da escrita manual, a discriminação auditiva e visual, a organização do espaço-tempo, a pressão correta do instrumento da escrita e o domínio da mão, entre outras habilidades, são desenvolvidas.

Qual é o futuro previsível da escrita?

A palavra é coexistência. A escrita é talvez uma das primeiras tecnologias coletivas criadas pela humanidade, o sistema que os seres humanos criaram para comunicar para além dos gestos. Nas suas origens, era uma tarefa puramente instrumental. Ao longo do tempo, tornou-se o instrumento perfeito, não só para armazenar e transmitir conhecimento e história, mas também para expressar emoções.

Hoje, as formas de cumprir todas essas funções multiplicaram-se, mas a necessidade de comunicar não mudou. O que mudou é a urgência em fazê-lo e o volume de informações a transmitir. Ao mesmo tempo, vivemos um período de renascimento da caligrafia. Um interesse renovado na estética pura das letras e na escrita como uma expressão do refinamento. Caligrafia, na sua forma mais bonita, é mais uma vez um símbolo de distinção.

Em Espanha, a Cubério, uma editora com 60 anos de história dedicada a apoiar o ensino de aritmética e caligrafia entre escolares e adultos, tem visto o seu volume de negócios crescer 22% depois de aprimorar a sua presença digital. Junto com a digitalização, ecrãs ou teclados, o interesse cresce, não só na caligrafia, mas para tudo aquilo que é feito sem interferência tecnológica. O prazer da vertigem cresce para tudo aquilo sem o botão "anular" ou "CTRL + z".

2. Melhorar, é possível

A melhor ideia do mundo, a mais bela história, pode ficar ofuscada pela maneira como é transcrita. E muitas vezes, uma escrita pobre não é produto de maus hábitos, mas sim, de falta de hábito em geral.

Aprende-se a escrever, escrevendo.



2.1. Más práticas e possíveis consequências

Não obstante as suas causas, e sem entrar em casos como disgrafias ou transtornos de transcrição, entre outros, é evidente que a primeira consequência da falta de prática de caligrafia é uma má letra ou uma letra ilegível. Isto leva a que mesmo a melhor ideia do mundo, a mais bela história, podem ser ofuscadas pela forma como são escritas.

Muitas vezes, a má escrita pode não ser o produto de maus hábitos, tanto quanto a falta de hábito, em geral. Aprende-se a escrever, escrevendo.

Temos de pensar que, se o que queremos transmitir vem envolto em traços, características e ligaduras ilegíveis, o que queremos comunicar fica bloqueado pela nossa má escrita e exposto à vontade de leitura por parte do destinatário. Por outro lado, com uma escrita meticulosa e agradável, a primeira coisa que é alcançada é a predisposição e interesse de leitura pelo destinatário.

Para quebrar a barreira entre a má e boa escrita, o ensino da escrita traz soluções a longo prazo e, além disso, tanto as disgrafias como os distúrbios de transcrição são tratados com resultados bem-sucedidos. Obviamente, se alterarmos a forma como escrevemos, a nossa atitude, a nossa técnica e a nossa motivação, os benefícios podem ser imediatos.

2.2. Querer é poder: boas práticas

Alcançar isso depende basicamente de vários fatores: atitude, técnica e, em alguns casos, exercícios adequados de acordo com a terapia. A atitude é trabalhada ainda antes de se pegar na caneta. Baseia-se no desejo não só de melhorar a caligrafia em si, mas também de desfrutar da aprendizagem através da visualização dos benefícios da boa caligrafia. Já a técnica é pura prática e, portanto, sujeita a um método.

Deve ter-se em mente que a caligrafia é um conjunto de pequenos detalhes que têm sempre uma consequência direta sobre o traço geral. Digamos que isso dá ou reflete inequivocamente o que fazemos certo, o que fazemos de errado, e o que não fazemos. Portanto, a partir dessa informação podemos fazer correções com maior precisão. Esse conjunto de detalhes acaba por ser incorporado na maneira como se escreve até ser praticamente feito de forma inconsciente. O paralelo com a condução é muito evidente. Quando praticamos, esforçamo-nos por imaginar que podíamos realizar uma outra forma livremente coordenando pedais, volantes e espelhos, entre outros.

2.3. Como melhorar a escrita: dicas e exercícios para uma boa caligrafia

1. Encontre o momento certo para praticar. Reúna cerca de vinte minutos de dedicação absoluta e concentração para praticar caligrafia.

2. Encontre um ambiente amigável, desobstruído e confortável. Não tenha nada mais do que o essencial: papel, caneta e desejo de melhorar.

3. Escreva com calma enquanto respira e não prenda a respiração. Tenha em mente que uma parte muito importante na beleza e qualidade de sua escrita é marcada pelo ritmo dos seus traços. Não corra nem vá muito devagar. Alcance uma cadência nos traços que seja confortável. Não deixe que a mão vá mais rápido do que o cérebro. Não leve a prática como sendo uma penitência. Considere como sendo um momento relaxante, o seu momento "desconectado", uma nova maneira de meditar e de se sentir à vontade.

4. Cuide da postura quando está sentado(a): verifique se tem espaço para descansar os braços (o ideal é que o antebraço da mão com que está escrever descanse sobre a mesa), evite cruzar as pernas e descanse os pés no chão. Tente escrever com os seus pés à frente da cadeira, as costas direitas, e incline o papel um pouco à esquerda se for destro.

5. Preste atenção ao papel: ponha sempre três ou quatro folhas de papel para servir de base. Escrever numa base muito grossa pode distorcer a letra. Uma boa opção é começar com o papel de linhas, para internalizar as linhas paralelas e a distância entre os traços que vão para cima e para baixo (por exemplo, das letras p, b, j, g).

6. Escolha a caneta ou lápis adequado (segure-o firmemente): normalmente seguramos na caneta com a mão tipo garra, os dedos firmes e muito apertados, mas é melhor se esticar os dedos, com o pulso desdobrado. A caneta deve descansar entre o indicador e o dedo do polegar. Canetas muito finas são mais difíceis de segurar e podem cansar mais os seus músculos. Os ballpoints são insubstituíveis, com a vantagem de serem mais baratos. O chamado rollerball usa uma tinta à base de água, permitindo escrever mais rápido e evitar possíveis dores ao escrever por um longo período de tempo.

7. Pratique os seus traços: um truque recomendado é repetir linhas do Zig-zag. Outro método é executar vários círculos pequenos (como a letra o) e escrever os caracteres dentro do círculo. O Pinterest é outra grande fonte de exercícios. Para melhorar a sua letra, pode começar por desenhar esboços, pequenas molas, ou figuras ovais, por exemplo. Não é a letra, mas é uma forma de automatizar o gesto de movimentar a mão.

8. Leve o seu tempo: gaste meia hora por dia e, em seis ou oito semanas, é possível obter resultados. Para não desesperar, é melhor pensar nisto como um objetivo de longo prazo. Geralmente, os especialistas aconselham a progredir lentamente no início e, a seguir, acelerar o ritmo. A primeira coisa é abrandar. Não é tedioso, se prestar muita atenção a cada gesto, é muito relaxante. Os profissionais afirmam que as pessoas começam por aprender a escrever, mas acabam também por ter um momento de paz e sossego. É mindfulness caligráfico.

9. Seja criativo: isso é importante para não cair no tédio. Ensaie repetindo frases com aliterações ou copiando letras de músicas e fragmentos dos seus livros favoritos.

10. Tente os métodos clássicos: entre os métodos mais populares está o método Spencer, utilizado em meados do século XIX, em escolas nos Estados Unidos e que agora recuperou fama graças aos seus traços elegantes. A técnica Palmer triunfou entre contadores e trabalhadores de escritório que proliferaram no século XX porque permitia escrever rapidamente e de uma forma muito legível.

3. O futuro promissor da escrita

Acreditamos que nos tempos em que as diferentes formas de escrita se sobrepõem, em que se questiona o esforço que é feito nas escolas para ensinar o itálico, no qual, pelo contrário, o interesse pela caligrafia em todas as suas interpretações cresce significativamente, uma marca icónica tem muito a dizer. Promover o gosto, a disciplina e a arte de escrever bem.

Uma marca com instrumentos.

3.1. De uma boa caligrafia à caligrafia capitalizada, letras e a arte de desenhar cartas

É cada vez mais comum que aqueles que se inscrevem em escolas para melhorar a sua caligrafia acabam a passar para a prática de estilos caligráficos históricos e, cada vez mais, lettering.

O número de opções é variado. As letras romanas, as mais exigentes, as mais expressivas

e abstratas, favorecidas por novas ferramentas e materiais.

Esta situação deve-se muito ao número de profissionais e escolas dedicados ao ensino e transmissão de “bela escrita” e à possibilidade de estender esse conhecimento através de redes sociais. Este é o lugar onde a escrita é favorecida pela tecnologia que alguns consideram uma ameaça.

A possibilidade de compartilhar os avanços uns dos outros na prática multiplica o seu efeito e multiplica o hobby. A generosidade dos professores quando se trata de derrubar o seu trabalho nas redes sociais torna ainda maior a projeção da disciplina e de todas as suas variantes.

Novos passatempos, como o “Bullet Journal” - sistema que lhe permite organizar as listas de tarefas de uma forma específica e orientada para os resultados - ou o regresso ao diário pessoal, que desperta uma verdadeira paixão em todo o mundo, faz explorar a criatividade daqueles que ousam moldar as suas preocupações usando canetas ou marcadores. Praticantes de “bulletjournalism” partilham e exibem as suas conquistas em plataformas como o Instagram ou Pinterest com uma frequência que é difícil de assimilar. Mais uma vez, a relação fértil entre os mundos analógico e digital é evidente.

3.2. Uma característica da nossa imagem: a importância da qualidade e da beleza na escrita

A nossa escrita diz tanto sobre nós como a nossa maneira de falar, vestir, ou andar. É uma forma de comunicar e divulgar quem somos, uma característica da nossa imagem. Não nos referimos aos aspetos

psicológicos e de personalidade, que seriam o terreno dos grafologistas, mas aos aspetos que são adivinhados no cuidado colocado na execução das nossas letras.

A qualidade da nossa escrita, portanto, reflete a importância que atribuímos a quem vai ler o que nós comunicamos. A nossa melhor ortografia também significa o máximo respeito. Escrever bem é uma maneira de nos comunicarmos da melhor forma, controlando os efeitos do que tentamos expressar.

A má caligrafia é pouco transparente. Por outro lado, uma boa carta denota respeito, distinção e comunica-se claramente. Denota o interesse em fazer-se compreendido. Escrever é como falar em público. Como um bom orador ou um bom apresentador, que vende, comunica, seduz e apaixona. Com a perda de precisão nos traços que utilizamos, motivados pela urgência e falta de prática, vivemos um renovado e próspero interesse em aprender a escrever como uma

forma de melhorar a imagem, especialmente profissional. Ao mesmo tempo, com caligrafia histórica e artística procuramos satisfazer o impulso de criar algo com as nossas mãos sem intermediação de teclados ou ecrãs.

Acreditamos que, num momento em que diferentes formas de escrita se sobrepõem, quando o esforço a ser feito nas escolas para ensinar caligrafia é questionado, em que, pelo contrário, o interesse pela caligrafia em todas as suas interpretações cresce de forma notável, uma marca icónica tem muito a dizer. Campeão o gosto, disciplina e arte de letras boas.

Uma marca com instrumentos, compromisso e história. Três letras são suficientes para encontrar a solução: BIC®.



4. Um compromisso para além do produto

A BIC® tem vindo a fabricar artigos de qualidade a preços acessíveis para todos há mais de 65 anos. Desde da lendária BIC®Cristal®, passando pela clássica BIC® 4 Cores até aos novos modelos tecnologicamente avançados, como a recém-lançada versão Quick Dry da esferográfica BIC® Gel-ocity®, com secagem super rápida e com aderência integral que garante a conveniência final da escrita, a companhia evoluiu para transformar-se num dos maiores fornecedores do mundo em material de papelaria.

Mas o compromisso vai muito além do produto. Para a empresa, a educação é um dos pilares de todo o desenvolvimento pessoal. É a base do ensino de crianças que vai muito além de lhes fornecer artigos de escrita ou desenho. A BIC ajuda os mais pequenos a desenvolverem as suas mentes ao máximo de uma forma inclusiva e de qualidade, tanto em Portugal como no resto do mundo.

A BIC tem estado presente na educação das crianças desde 1950, quando aprenderam a escrever, quando fizeram os seus primeiros exames em matemática, ciências sociais ou ciências linguísticas; ou mesmo passaram da primária para a secundária. Em 2016, a empresa criou a Fundação BIC para a educação, que tem como um dos seus principais projetos melhorar as con-

dições de aprendizagem de 250 milhões crianças em todo o mundo, até 2025. Para isso, a Fundação BIC concentra os seus esforços em três áreas principais: combater o abandono escolar, melhorar o acesso à educação para meninas e mulheres e apoiar projetos de sensibilização e educação ambiental. Um espírito baseado na lógica de “dar para a criar”.

Ao melhorar as condições de aprendizagem das crianças, a BIC tem também como objetivo melhorar suas vidas e, portanto, o mundo. A educação tem o poder de mudar o mundo, por isso, o ensino no progresso social é precisamente a principal razão pela qual a BIC, como

líder mundial em produtos de papelaria, considera essencial o seu envolvimento de forma mais significativa na aprendizagem para crianças em todo o mundo, promovendo o acesso universal à educação.



